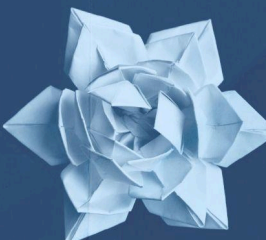
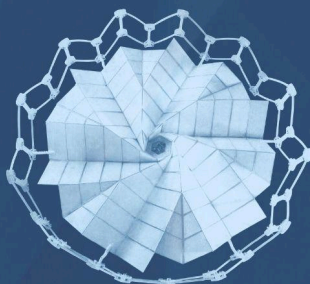
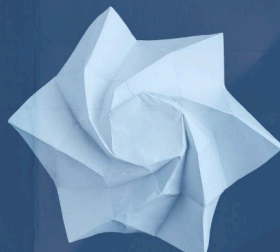
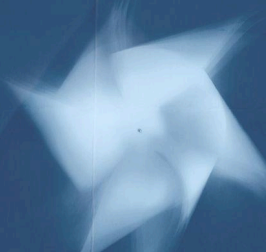
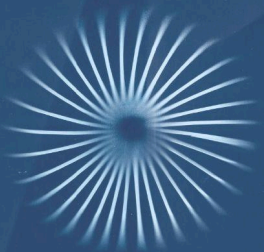
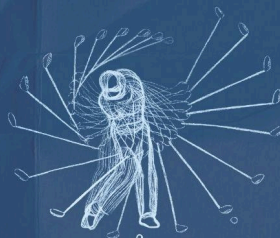
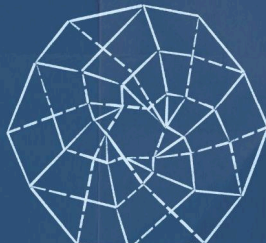
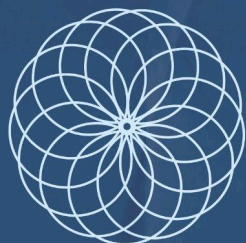


UNRAVELING



**Ana Vitorino
Carlos Costa
Mafalda Banquart**

com ilustrações de Sara Allen

“**unraveling**” estreou a 30 de novembro de 2023 no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

Criação e Interpretação Ana Vitorino, Carlos Costa, Mafalda Banquart

Cenografia, Figurinos e Adereços Maria Manada

Banda Sonora Original, Sonoplastia e Desenho de Som Vasco Zentzua

Desenho de Luz Pedro Correia

Vídeo e Design gráfico Sara Allen

Coordenação de Produção Alice Prata

Assessoria de Comunicação Raquel Batista

Contabilidade Helena Madeira

Produção Visões Úteis

Coprodução Teatro Municipal do Porto e Teatro Académico de Gil Vicente

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

NOTAS SOBRE O TEXTO EDITADO:

1 - O texto que aqui se edita, ou melhor, os textos que se editam foram produzidos num contexto de escrita que, desde o início, se desdobrou numa dramaturgia também atravessada por movimentos, gestos, imagens, objetos, sons e transformações. Assim, e considerando este pressuposto, optamos agora, nesta versão livro, por privilegiar a organização e pontuação que sinalizam essa oralidade pretérita, em detrimento da sua adaptação. Pelo contrário, pareceu-nos bem assumir a diacronia que o texto não permitia na sua versão inicial, já que a dramaturgia do espetáculo assentava em três linhas sincrónicas de ação, que só por vezes permitiam uma fruição simultânea. Ainda assim, deixamos a quem nos lê dois caminhos possíveis: um caminho contínuo, do princípio ao fim, ou três caminhos sucessivos, identificados, respetivamente, por uma pedra, uma flor, uma abelha.

2 - O excerto intitulado “experiência” cita uma passagem da obra “Art as Experience”, de John Dewey.

3 - Aviso de conteúdo sensível: o texto contém referências a suicídio.



TRANSFORMAÇÃO

Eu não queria que isto parecesse intrusivo. Íntimo, sim, intrusivo, não.

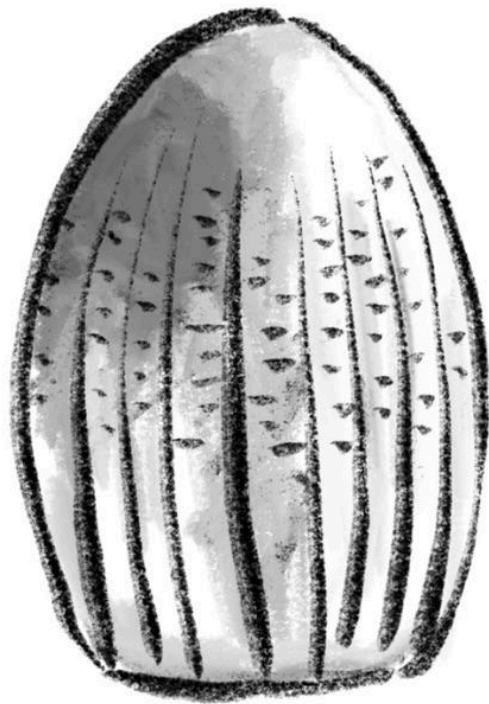
Imagino que seja estranho: chegam aqui, eu já cá estou, e agora parece que está toda a gente à minha volta; o que também me causa desconforto - nem sei se devo olhar para vocês - e preferia pensar que não está toda a gente à minha volta, prefiro pensar que estamos à volta.

E mesmo assim, não sei se consigo ocultar esta ansiedade - digo, parecer tranquilo, racional, distante daquilo que faço - não sei se consigo ocultar as pequenas falhas que vou espalhar ao longo deste percurso. Ou então, deve ser mesmo assim e devo permitir uma continuidade entre as minhas emoções e o que vos proponho.

Eu próprio não sei se este excesso de proximidade me impede de realizar devidamente o que tenho preparado para partilhar ou se, pelo contrário, me confere mais consistência.

Devo ser um quadro em branco onde o que vos digo, o que vos faço, se inscreve? Preciso de ser nada como condição para me transformar em alguma coisa que vos sirva melhor do que eu?

Deixo-me moldar pela vossa presença. Reconfiguro-me? Permaneço sereno? Peço-vos serenidade... colaboração? Peço-vos ajuda?





JARDIM

aaaaaa.....

estou aqui, de costas, e estou aqui de costas porque gostava

gostava de vos propôr que suspendessem temporariamente as vossas crenças sobre mim, gostava que pensassem em mim como se eu fosse uma flor.....gostava que não fosse uma flor deste planeta, gostava que fosse uma flor alien e.....gostava que pensassem neste pedido como um desejo

Quem me dera ser uma flor alien

...aaaaa.....

eu não me importo muito com a minha forma..... eu acho que eu sou só..... um conjunto de ideias. Um conjunto de ideias que vieram de outra forma, de outro ponto do espaço-tempo e vão seguir para outra forma, para outro ponto do espaço-tempo, por isso --- é igual não é? podem pensar em mim como uma flor alien mas também podem pensar em mim como se fosse outra coisa qualquer, aaa, uma alga ou assim, eu preferia a flor alien, claro, mas é igual - mesmo.

E, ao dizer isto - que eu sou um conjunto de ideias que veio de uma outra forma, anterior a mim, de outro ponto do espaço-tempo - eu não queria que pensassem só na forma da minha mãe, eu também queria sugerir o regresso infinito, sabem? do género: eu vim da minha mãe e a minha mãe veio da mãe dela e a mãe dela veio da mãe dela, e por aí fora; e elas e eu viemos de outros mamíferos... e assim sucessivamente, até chegar às cianobactérias em direção ao big bang e para lá, até ao infinito, justamente. Mas..... ao mesmo tempo, só porque eu falei da minha mãe e da mãe dela, eu não estou a sugerir que eu própria vou ser mãe, que vou ficar grávida, e acho que isso não é porque gostava de ser uma flor alien é mesmo porque..... não quero.

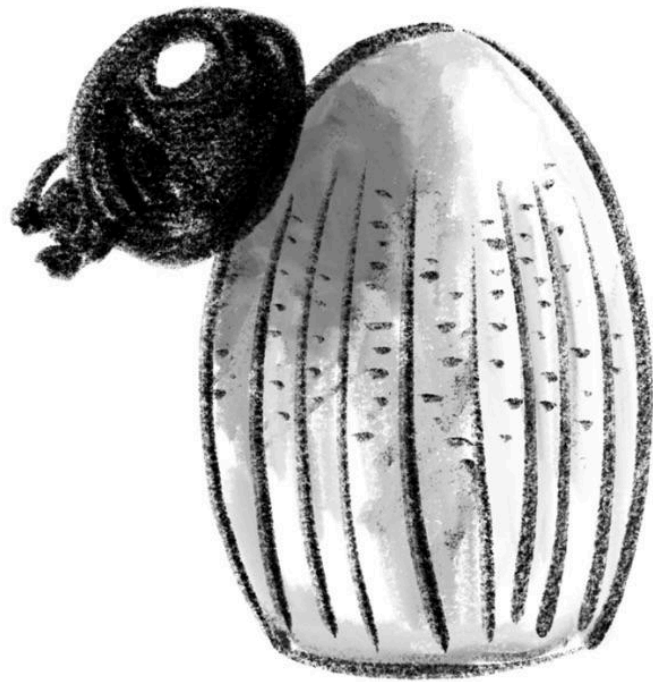
não acho isso nada de especial. Ficar grávida. Ou pelo menos não acho mais especial do que outras maneiras de os corpos carregarem outros corpos para fazer continuar a vida. Tipo, neste momento, os corpos aqui presentes carregam imensas bactérias, e bactérias

cruciais para a continuidade da vida, mas pronto, não é como se alguém nos fosse dar os parabéns.

Eu gosto de falar da continuidade das coisas, assim, a usar palavras como “forma”. O que é divertido para mim, é que a partir daqui posso passar a falar da mesma forma acerca de outras coisas. Por exemplo, de arte, das formas artísticas. Tenho pensado no..... no substituir das formas artísticas - tipo depois do modernismo veio o pós-modernismo, depois da pintura veio a fotografia - e esse substituir das formas artísticas, eu tenho pensado nele não como um questionamento ou uma superação ou sei lá um processo bélico, de ir contra, mas..... mas como um processo mais casual, menos importante, tipo - as formas sucedem-se uma às outras, como as espécies. Vai havendo maneiras de existir de forma diferente, e vai havendo maneiras de pintar de forma diferente e, se calhar, este pensamento até vai dar à morte da arte do Hegel, e eu nem sei bem o que achar sobre isso (mas lá está, mesmo aí, a morte não é necessariamente uma coisa catastrófica). É só... ..uma coisa mais descomplicada, pronto, agora a arte enquanto forma já não nos serve porque vem outra forma de expressão qualquer. Exatamente como: agora deixámos de ter uma cauda porque, pronto, vamos passar a andar só com dois apoios em vez de quatro. É isto. Acho que comecei a pensar nisto por causa das catedrais, pensei que seria um terror ter vivido nos séculos logo a seguir às catedrais terem sido projetadas, porque aquilo demora imenso tempo a ser construído e depois o dinheiro e a mão-de-obra dos séculos seguintes ficam a cumprir ideias dos séculos passados... e a catedral é mesmo isto, não é? Uma ideia. Por isso é que eu acho assustador.

E não é que eu tenha problemas com processos que ultrapassem o meu tempo de apreensão das coisas, por exemplo, acho que deve ser incrível o que acontece quando uma baleia morre e cai no fundo do mar e se começa a decompor e a transformar num ecossistema e isso, para além de demorar muito tempo, acontece no fundo do mar. Portanto, não é visível para mim a maior parte do tempo. E, na verdade, esta ideia é..... esta ideia, faz-me lembrar porque é que preferia que pensassem em mim como uma flor alien e não como humana. Porque eu acho horrroso - enganador se calhar - associar o que é visível para os humanos com aquilo a que se deve dar importância. Ou mesmo com aquilo que existe. Os aliens fazem parte dessa coleção de coisas, por exemplo. Mesmo que as probabilidades nos ajudem neste ponto - é muito provável que existam dada a grandeza do universo - estamos sempre nesta situação bizarra de desconfiar que não existem por ainda não os termos visto. É claro que podíamos, se calhar devíamos até, parar aqui para alguém afirmar que já os viu (algures em Alfena talvez) mas fiquei a pensar noutra coisa. Será que.....não fomos nós que nunca vimos os aliens e são antes os aliens

que não querem ser vistos por nós? Se assim fosse, o seu silêncio não seria um acaso, seria uma intenção. Como quando, aaa, como quando..... desculpem. Vou parar para fazer um aviso de conteúdo sensível. Daqui, do silêncio, vou deixar que o meu fluxo de ideias retome questões acerca da morte e, agora, especificamente sobre suicídio. Por isso vou deixar-vos algum tempo para tomarem conhecimento disso e até para se afastarem ou para decidirem não ouvir.





COREMA DO MUNDO

Uma imagem, um desenho simplificado; um grafismo, ou melhor, uma representação gráfica simplificada; uma representação gráfica; uma representação coremática, de algo muito complexo, algo quase como o mundo, não, do mundo, do mundo mesmo; uma coisa simples, uma coisa muito simples, mesmo, uma representação gráfica simplificada da complexidade do mundo; uma representação coremática do todo do mundo;

Um corema do mundo:

Um pico para cima, outro para baixo, uma linha no meio.

Para cima, a 8.000 metros começa a Zona da Morte. A vida vai desaparecendo por falta de oxigénio.

Para baixo, a 200 metros, começa o Mar Profundo. A vida vai desaparecendo por falta de luz.

Quando uma baleia morre, cai, e pode chegar aos 1.000 metros de profundidade. Aí torna-se casa, e dentro dela, já morta, nascem e crescem vidas novas.

Lá em baixo... no mesmo lugar onde dormem os contentores de VX. Caixas de morte. À espera de acordar. (Nota para mim: desenvolver VX, arma tóxica, gás de nervos, caixas seladas, despejos no mar, etc, etc). Como é que sabemos isto tudo, se não podemos lá ir?

Voz no rádio transmissor: Estão à escuta? Estão preparados? Mantenham-se juntos. Um passo de cada vez.

No pico, na Zona da Morte, só sobrevivem os "extremófilos". (Nota para mim: desenvolver "extremófilos", bactérias e etc, características, resiliência, muito calor, muito frio).

Aqui podemos ir, mas não conseguimos ficar muito tempo. Assim que lá chegamos, já começámos a morrer. Na verdade, começámos a morrer no momento em que demos o primeiro passo. Na verdade, estamos sempre a morrer, desde que demos o primeiro grito.

Lá em baixo, curiosamente, há muito, mas mesmo MUITO oxigénio.

Quando um corpo morre na água, em princípio flutua.

Mas, se encher os bolsos de pedras, cai mais fundo. Pode cair muito fundo.

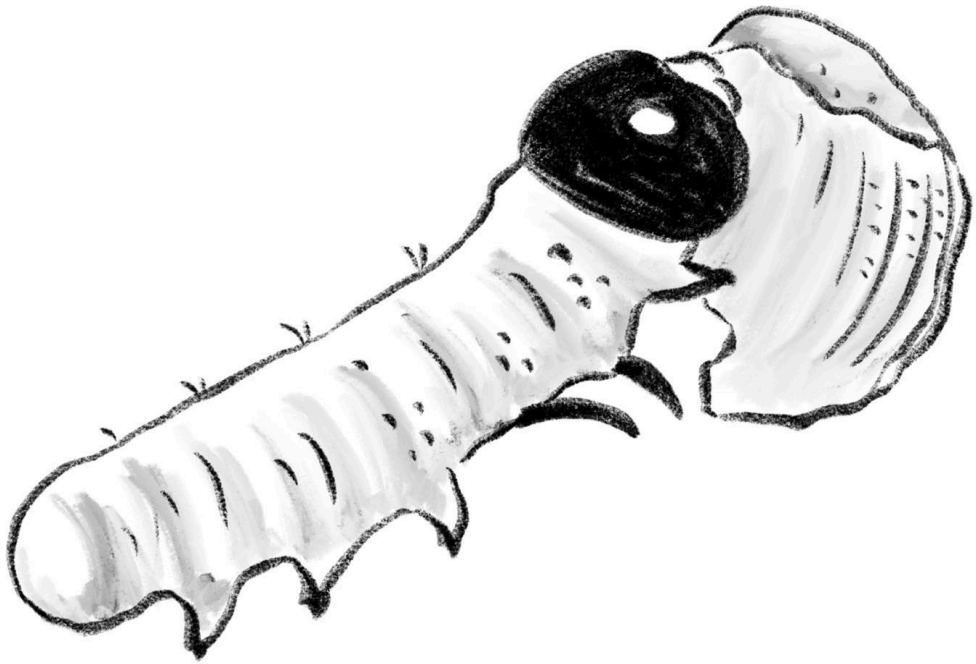
Se for um rio de 10 metros de profundidade, pode chegar lá abaixo. Pode cair no solo. No solo da água.

10 metros não é muito. Podemos lá ficar semanas sem sermos encontrados...

Quando a vida mais à superfície da água se extingue, - peixes, algas, seres de bolsos vazios - os corpos desfazem-se em mil bocados, milhões de pedacinhos. Os pedaços dessas mortes vão caindo lentamente através da água. E viajam até ao fundo, devagar, devagar. Lá em baixo, onde já não há luz, estes despojos vão ser a comida de espécies que nós nunca veremos. Chama-se a isto “neve marinha”. Neva no mar.

Quando se resgata um corpo que esteve semanas em água, ele pode já parecer uma casa, ou um banquete interrompido. Finalmente, uma casa. Finalmente comida.

Anóxia. Hipóxia. Precisamos sempre de alguma coisa.





EXPERIÊNCIA

A pedra começa a rolar num sítio qualquer, a pedra move-se, move-se como pode, move-se para um lugar, para um estado em repouso, move-se para um fim.

Vamos imaginar, vamos somar, somar a estes fatores externos:

a) o desejo da pedra, o desejo da pedra em relação ao resultado final

b) o interesse da pedra, o interesse da pedra nas coisas que encontra pelo caminho, coisas que aceleram e retardam o seu movimento, coisas que se relacionam com o fim da descida; a pedra relaciona-se com estas coisas porque ajudam ou perturbam o seu percurso

E quando a pedra fica imóvel outra vez, no culminar de um movimento contínuo, tudo o que aconteceu à pedra durante o caminho, tudo se relaciona com o fim da descida.

Portanto a pedra teve uma experiência, uma experiência estética.





CORPO DESENHADO

Em todas as ilustrações do momento em que a Virginia Woolf mergulha no rio com as pedras nos bolsos, há uma suposição do que acontece com o mundo depois disso. Porque, a partir daquele ponto final último da carta de suicídio, a narração em primeira pessoa pára. Há uma decisão, uma intenção de gerar silêncio. Na última vinheta de uma banda desenhada acerca da vida dela, por cima do rectângulo, diz: E aqui, vírgula, uma experiência que nunca descreverei. E isso faz-me sempre pensar na Billie Eilish, porque na música “bury a friend” há um verso que diz “I wanna end me”, e para mim aquilo sempre me interessou porque ela não diz “I wanna kill myself”, ou “I wanna die”, ela diz “I wanna end”, acabar, “me”, eu, uma ficção, um mecanismo de economia e funcionalidade psicológica. E isso para mim muda tudo, porque não é sobre deixar de respirar, tornar-se um com aquelas pedras e as plantas do fundo daquele rio, tornar-se um ecossistema, é acabar com o conjunto de possibilidades que “eu” gero enquanto vivo, parar de ser ativamente um centro decisor a que chamo “eu” e a que se refere este “mim” e deixar essa cadeia de choques que provoço na vida das outras pessoas seguir o seu curso, deixar que o Orlando da Virginia seja multiplicado pelos Orlandos do filme do Paul B. Preciado, depois de ela se ter intencionalmente remetido ao seu silêncio, é só... largar. É entregar a minha forma, deixar ir para outra forma este conjunto de ideias que sou.

E a imagem de um rio também... também tem esse movimento, eu consigo sentir no meu corpo esse deixar ir.... e, ao mesmo tempo, aquela transformação quase alquímica do corpo em pedras e das próprias pedras noutras pedras também é muito dinâmica, apesar do tempo geológico dessas coisas. Há uma artista alemã, como é que é.....
aaaaa.....Nadine Redlich... e no livro dela, acho que se chama mesmo “Stones” por acaso, ela desenha uma pedra que tem pensamentos existenciais e uma vez li uma entrevista em que ela dizia: “Stones are maybe motionless, but their feelings can be very moving”.





PEDRAS

há pedras pesadas e outras muito leves

há pedras simples e outras complexas

há pedras saudáveis e outras apodrecidas.

há pedras com muitos milhões de anos e outras acabadas de nascer

há pedras privadas de liberdade, presas

grãos de areia retidos numa barragem, impedidos de chegar ao destino chegar à praia, ao mar

como é que era? há mais estrelas no universo que grãos de areia em todas as praias do planeta?

afundada na crosta terrestre sujeita a altas pressões e temperaturas

os meus minerais a transformarem-se noutros mais compatíveis com o novo ambiente

há dias, a sério, há dias em que me sinto como granito, pesada, compacta

só queria ser uma pedra pomes, ahhhhh, ser cuspidada por um vulcão

o bem que me fazia ser gás, explodir no meio da lava, do calor

transformar-me em espuma, o que eu não dava para ter sido espuma

e depois arrefecer, sabem?, solidificar, vitrificar, estão a ver?

mas permanecer sempre esponjosa, pouco densa

um bocadinho áspera na pele, abrasiva

Ou então ser mãe, mãe pedra, granito outra vez, parir uma pedra

abrir um buraco em mim, pedra-parideira, e parir, parir pedrinhas à minha volta

parir até apodrecer, até ser saibro, esboroar-me ao fim de milhões de anos

um grão de areia outra vez, e deslizar até à praia

vá lá, quero ser a pedra rodada em que um sapateiro martela as solas dos sapatos

pedra circular que tritura o grão dos cereais de pequeno almoço

pedra de toque em que um ourives confirma o valor do ouro

pedra granulada que afia as facas para o massacre

cobalto nas mãos de uma criança do Congo

transportado com delicadeza até ao telefone carregado num bolso

bolso cheio de pedras

cheio da felicidade possível

cheio de tudo que pode ser salvo

de pedras que não flutuam no mar.





BELEZA/SACO PLÁSTICO

“Claude Monet estava "aterrorizado". Olhou pela janela e viu na paisagem de Londres um cenário que o preocupou: nenhum nevoeiro, céu limpo. "Nem sequer um fiapo de névoa," escreveu numa carta de 4 de março de 1900 à sua mulher, Alice, durante a visita do pintor francês a Londres. "Fiquei prostrado, e só conseguia ver a morte das minhas pinturas." Depois, escreve ele nas cartas traduzidas e partilhadas pelo museu Tate, aos poucos os fogos foram-se acendendo, e o fumo e a cortina de poluição industrial voltaram aos céus. O seu trabalho continuou.”

Kasha Patel - The Washington Post, 31 de janeiro de 2023

Durante este tempo estive a pensar “a neve é bonita” e depois pensei que é mesmo estranho ser capaz de pensar que as coisas são bonitas e ao mesmo tempo mesmo angustiante. É diferente pensar que uma coisa é bonita e que uma coisa é branca ou que é grande ou que dá jeito. Se eu penso que uma coisa é grande, penso que é grande em relação às minhas dimensões, se a descrevo como branca, é porque a luz, os meus olhos e o ponto onde me encontro no espaço se cruzam para produzir essa sensação de branco, as coisas em si não são brancas. Se penso que dá jeito, dá-me jeito a mim, outra vez a este mim, a este centro decisor. E, ao dizer isto, parece que a beleza também é assim, se penso que “x” é belo, estou a pensar que é belo para mim, as coisas em si não são belas. O belo, o branco, o grande podem variar. Quer dizer, desculpem a entoação. Vou repetir, o belo, o branco, o grande, podem variar? Senti-me angustiada a olhar para a neve e a pensar em beleza porque..... achar uma coisa bela é uma experiência que sinto como radicalmente subjetiva, particular, minha, entre mim e o que acho belo, mas que ao mesmo tempo sinto que me é segredada ao ouvido por uma série de coisas exteriores, de fantasmas que me dizem que o que está ali é belo. Nesse sentido, pensar “a neve é bonita” é mesmo diferente de pensar “a neve é branca”. “A neve é branca” é uma coisa que termina em si própria, pronto, é branca. Não tenho nenhum fantasma. “A neve é bela” tem um eco, que me é devolvido, e me perturba, como a dúvida hiperbólica perturbou Descartes até o conduzir às certezas. Se agora, em vez da neve, eu visse um saco do lixo a flutuar, e a ser levado pelo vento, eu ficava aqui parada no mesmo sítio, hipnotizada, assim, como eu fico com a neve. Mas depois..... aquela dúvida perturbadora, tipo: isto é poético, é belo? porque parece belo quase naquele sentido do Kant, das belas formas naturais, tipo as coisas como o canto dos pássaros e os moluscos do fundo do mar, as coisas nas quais o

pensamento não penetra, que não olhamos para conhecer, que olhamos para contemplar. Como antes de sabermos que as nuvens são água condensada e achamos que são algodão. E é aquele espanto do não saber, o espanto onde Aristóteles achava que começava a filosofia. Só que. É esta ideia de beleza que é estranha e é angustiante, porque é como se eu tivesse que estar num estado de ignorância para sentir beleza. As coisas deixam de ser belas se deixarem de me espantar? Eu continuo a achar belo o céu mesmo depois de saber acerca do ciclo da água. Mas e se forem nuvens estratosféricas? Se forem nuvens de cristais de gelo que reagem com gases poluentes e destroem o ozono, mas que fazem a luz dispersar e refratar e provocam cores, como se fossem auroras boreais? E se eu imaginar, se eu souber que provavelmente o saco que eu agora vejo flutuar vai acabar no estômago de um animal marinho qualquer, de uma bela forma natural? E o ninho do pássaro-jardineiro, que está decorado com bagas e flores separadas de forma cromática, o azul para um lado, o vermelho para o outro, às quais agora também se juntam tampas de garrafa das mesmas cores, continuo a achá-lo bonito? E enquanto tenho estas perguntas todas, segredadas por fantasmas, alguma coisa me prende firme a este ponto no espaço e fico aqui hipnotizada a ver o saco voar, como fiquei a ver a neve a cair. E mesmo depois destes abismos de dúvida, de inquietação, de incerteza, mesmo depois de ver o horroroso por trás do belo, como se em vez de olhar para o Dorian Gray diretamente, tivesse olhado para o quadro de Dorian Gray escondido no sótão do Dorian Gray, eu continuo com a sensação muito forte no meu corpo de que a neve e o saco a flutuar são belos e isso deixa-me angustiada porque eu já não posso - e o pássaro-jardineiro também não - usar a beleza para me orientar. Já não posso pensar na beleza como espanto e no espanto como motor filosófico, só consigo pensar na beleza como uma palavra nebulosa, que resume o conjunto de coisas sobre as quais não se pode falar e pensar sob pena de se acabar com a própria beleza. Não posso fazer como Kant e concluir que uma coisa é bela como concluo sem problemas, nem ecos, nem fantasmas que uma coisa é branca ou grande. Só posso sentir a tensão de viver a olhar para coisas horrorosamente belas, sobre as quais dou por mim a suspender o que sei para produzir juízos estéticos, chamando-lhes belas. Só posso agarrar-me à tristeza para me lembrar das coisas que sei e que tinham estado suspensas, que me alertam, que me arrancam deste ponto fixo e hipnotizante e fazem virar a cara ao que acho belo, a uma tristeza que me faça filosofar a partir dela em vez do espanto, que não precise da manutenção de certos estados de ignorância, que permita o pensamento penetrar nas coisas em que a beleza de Kant não podia.





ABRIGO

Voz no rádio transmissor: Não podemos ficar muito tempo. Está tudo já a mudar, dentro de nós, à nossa volta, por baixo dos nossos pés.

É melhor procurar abrigo. Parar um momento. Está tudo a mudar demasiado depressa.

Precisávamos que as coisas chegassem ao fim, inelutavelmente. A um fim. Saber que acabou. Traçar a linha. Mapear. Georeferenciar. “Foi aqui”... foi aqui que me deixaram.

Precisamos de cores para não nos perdermos. Para não nos perderem. Cores que se chamam “vivas”: vermelho, amarelo, azul, laranja, rosa, botas verdes.

Lá em cima há uma gruta onde em tempos morreu um homem, a caminho do pico. Quando o oxigénio acabou e os órgãos cederam de vez, ele deitou-se de cara na rocha, e a carne fundiu-se com a rocha, e agora ninguém sabe de certeza quem ele é, porque o corpo e a rocha são um só, em perfeita congelação. Mas as botas continuam vivas, verde-vivo. E é assim que um corpo se torna num marco, um ponto no mapa.

Voz no rádio transmissor: Onde estão? Onde estão? Onde estás?

Há pouco tempo para chegar ao topo, tem de haver luz e visibilidade e a neve não pode cair com muita força. E depois ainda é preciso conseguir voltar. Há uma janela de tempo, e quando ela se abre, todos se atiram pela janela, todos, todos, como no mito dos lemingues que se atiram ao precipício. (Nota para mim: desenvolver mito dos lemingues suicidas criado pela Disney).

Voz no rádio transmissor: Como estás? Vais continuar? Ainda tens forças? Vais conseguir voltar?

O Botas Verdes está lá em cima há 30 anos. 30 anos não é muito...

Cronoreferenciar. Saber quando acabou. O momento preciso. É agora. Está a ser agora. Mas... está tudo a ser agora... antes e depois de nós.

“Petrichor”. Do grego “petros” = “pedra”, e do termo “ichor” = “o fluido que passa pelas veias dos deuses”.

O cheiro que fica depois da chuva. Para uns significa “renovação da vida”. Para outros “putrefação”.

Uma molécula. Produzida por uma bactéria. Ativada pela água da chuva.

Como é que sabemos isto tudo?

O deus Odin pendurou-se na árvore da vida e esperou e esperou, em busca do conhecimento. E, para o sacrifício ser maior, furou a própria carne com a própria lança, e sangrou e esperou e esperou, sem comer e sem beber, esperou. E no final do sacrifício foi recompensado com o conhecimento, oferecido em forma de símbolos, que formaram um alfabeto, símbolos gravados em pedras para poderem ser transportados.

Para que é que sabemos isto tudo?

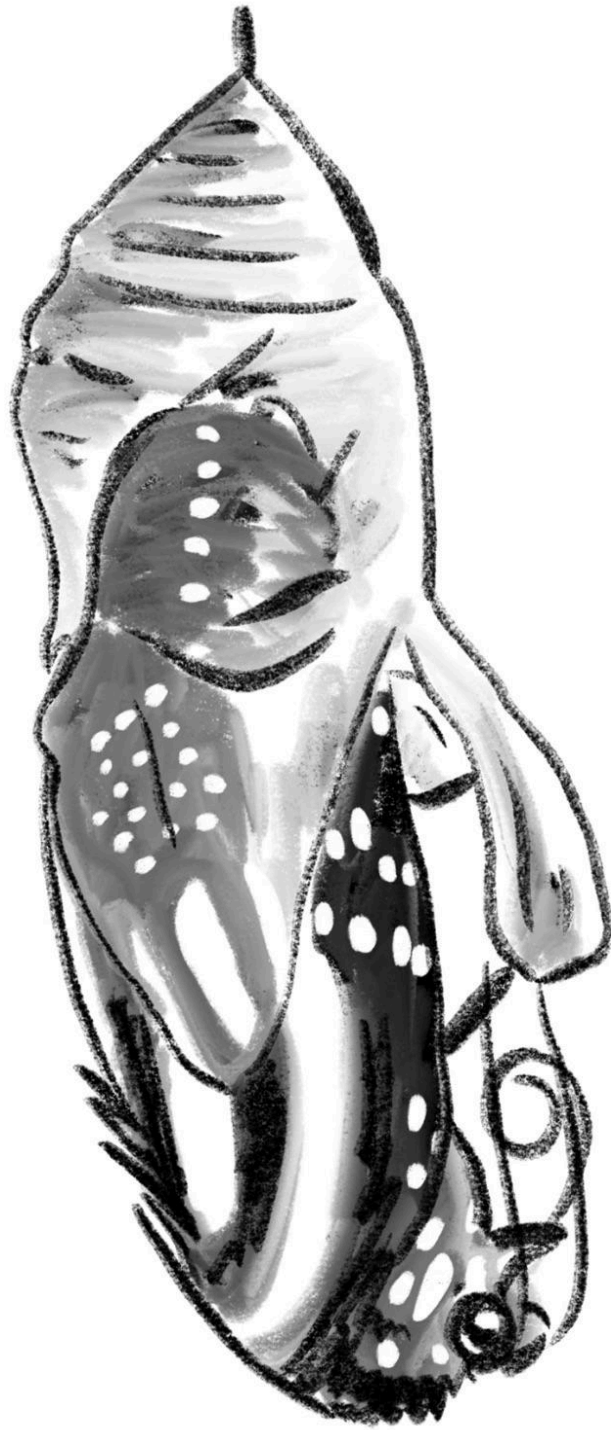
Voz no rádio transmissor: Atenção, caiu alguém? Parece que caiu alguém. Parece que há alguém caído no meio do caminho. Cuidado ao avançar.





ABDUÇÃO

Eu gostava que pensassem em nós como um grupo de pessoas que está à espera de ser abduzido, que teve reuniões regulares, que calculou um sítio e um horário, que é este, aqui, agora. E que, para nós, ser abduzido não é um rapto, é um resgate. Gostava que pensassem em nós como um grupo de pessoas para as quais a solidão é uma nostalgia, uma falta de uma coisa distante que não sabemos identificar. E por isso esperamos. Olhamos para cima, à espera. Gostava que pensassem em nós como um grupo de pitagóricos, a acreditar que se a música pode ser traduzida em matemática através dos intervalos e se o trajeto dos planetas pode ser medido, traduzido em matemática, então o passeio dos planetas pode ser traduzido em música. E, por isso, ao olhar para cima, enquanto esperamos, também estamos a tentar ouvir. A tentar sintonizar. Captar frequências sonoras de outros planetas que podem ser os nossos. E gostava que pensassem que, dentro de nós, temos uma desconfiança de que temos chamado pânico e ansiedade a essas frequências e que, se calhar, elas não são mais do que saudade. E gostava que, agora que estamos caracterizados enquanto grupo e que a nossa situação está descrita, pudéssemos esperar. Aqui. A olhar para cima. A ouvir. A sentir saudade.





BALEIA

Uma baleia leva tempo a desviver, a desbelecer, enquanto a carne é partilhada por caranguejos, polvos, tubarões, enquanto a gordura escorre dos ossos. Precisamos sempre de alguma coisa que os outros trazem consigo, não é? A carcaça da baleia em decomposição é um novo ecossistema, uma máquina do tempo, onde outras espécies evoluem. Pensem em mim como uma baleia, mas agora uma baleia viva, contem comigo longa, esguia, varram o horizonte à procura do jato que vou soltar.

Não é água, é ar quente, condensa-se ao encontrar o frio da atmosfera, uma nuvem de gotinhas de água, podia ser neve se estivesse mais frio.

Quero ser a baleia, mas quero ser uma baleia que neva, ou uma chávena de chá rachada que passa a ser vaso, ou uma pedra que fala.

Às vezes a melhor coisa que podemos fazer pelos outros é fazer qualquer coisa por nós.





JANELA DE TEMPO

Voz no rádio transmissor: Confirmado. É um porteiro. Enleou-se nas cordas, ou lá o que foi. Não se mexe. Tenham cuidado. Não tropecem.

Portador. Do latim “portator”. O que leva coisas de que os outros precisam. Às vezes erroneamente traduzido como “porteiro”. Do latim “portarius”, “o que guarda o portão”. Precisamos sempre de alguma coisa que os outros trazem consigo.

Se alguém cair a caminho do topo e se atravessar no caminho de outros 70 que estão a caminho do topo e demorar 3 horas a morrer no meio do caminho e a janela de tempo para chegar lá acima e voltar com vida estiver aberta de tal forma que a ninguém desses 70 lhe passa pela cabeça fazer outra coisa que não alçar a perna e transpor o corpo e seguir caminho, então... $3h / 70 \text{ pessoas} = 2,6 \text{ minutos por pessoa}$ - uma média.

Janela de tempo... Há janelas que estão ali à nossa espera. E outras que desenhamos, à medida das necessidades.

Exemplo: A janela de tempo que desenhamos quando uma peça de fruta começa a amolecer, a amarelecer, a acastanhar, a desbelecer, a amargar, a desfrutificar, a desviver, enfim – quando já não nos apetece verdadeiramente trincá-la, mas! ... também ainda não apodreceu o suficiente para dizermos “oh... estragou-se. Está podre. Tem de ir fora.” Nesse momento...

Nesse momento...

Nesse momento...

Nesse momento, o que fazemos é: Desenhar uma janela de tempo invisível... um tempo que fingimos não existir... um tempo em que ignoramos a fruta, o amarelo, o castanho, a desvivivivivi-ficção... e esperamos... e sabemos que estamos à espera... e sabemos quando chega o momento... o momento em que pegamos nela e arregalamos os olhos e dizemos: “Oh... apodreceu. Ainda no outro dia estava trincável... Agora tem de ir fora.”





ESPANTO

Vitrais, rosáceas, sol, o olhar dos outros, Céu azul, duma clareza imprevista, *chiaroscuro* dum quadro renascentista: raspar até encontrar a linha que separa a luz da escuridão.

Quero ser a larva esmagada entre as lâminas do microscópio.

Não sentem o que eu sinto?, o espanto?

As pernas do cadáver, o tronco, o braço já meio dissecado: raspar até encontrar a linha que separa a vida da morte.

Quero ser ser a borboleta atravessada pelo alfinete, emoldurada.

A cabeça inclinada sobre a lente, tudo cabe em seis centímetros quadrados: raspar até encontrar a reencarnação da Terra.

Quero ser o ovo, gémeo de tudo.

Nunca se taparam com os lençóis para descobrir quanto tempo aguentam antes de acabar o oxigénio e sentirem que vão morrer?

A cúpula da catedral, subir, esvaziar um vitral: engolir o cobalto, o ouro, o cobre, engolir o azul da virgem, da baleia morta, da mãe que o planeta atravessou, o azul da fascinante continuidade da vida, o azul em que transporto o que esqueço, em que esqueço o que transporto

O espanto: não sentem o espanto?

Esvaziar-me totalmente por dentro, deixar intactas só as paredes da fé e uma rosácea por onde às vezes passe o Sol. Nessa altura, finalmente, os outros olharão não para mim mas através de mim, e verão, com uma clareza imprevista, o céu azul do outro lado.





RENOVAÇÃO

Nota para mim: desenvolver “renovação”, as mãos aquecidas numa pausa partilhada, a frequência sonora das abelhas a regenerar os órgãos humanos, as formas que semeamos e nunca veremos, que semeamos para um tempo que nunca veremos, etc,etc...

Exemplo: numa floresta escandinava foram plantadas 1.000 árvores para daqui a 100 anos produzirem o papel necessário para publicar 100 livros que estão a ser escritos... agora.

Agora é quando estão a ser escritos, um por ano; daqui a 100 anos é quando poderão finalmente ser lidos. É óbvio que ninguém aqui vai ler um único destes livros.

Uma árvore produz papel para imprimir uns 62,5 livros. Uma média.

Para quê plantar 1.000 então? Para garantir que, com tudo o que não prevemos que possa acontecer entretanto, pelo menos 2 árvores ainda estão vivas daqui a 100 anos, o necessário para imprimir pelo menos uma cópia de cada livro?

Voz no rádio transmissor: Às vezes a melhor coisa que podemos fazer por nós é fazer qualquer coisa pelos outros. O inverso também deve ser verdade. Tem de ser!

Este tempo... o da fruta a amarelecer e a acastanhar até já não ser trincável... não tem nome. Não gostamos de nomear o que nos envergonha. Também acontece entre as pessoas. Já acabou, mas deixam a coisa a desviver durante um tempo que não tem nome, até ao momento em que conseguem dizer: “Olha... acabou... apodreceu... agora tem de ir fora.”

Como dizia o outro: “Eu não me importo de morrer. O que me lixa é não ver o que vai acontecer a seguir.”

Os livros que não vamos ler... não têm importância nenhuma, claro.

É só uma coisa que chateia, que fica aqui a zumbir, a zumbir, mais uma coisa a zumbir... zumbir... zumbir... zumbir...

Aguaxima

A *Urena lobata*,
mais conhecida
por Aguaxima,
é uma planta que
cresce no Brasil
e em diversas
ilhas da América
do Sul.



AGUAXIMA

E se eu agora dissesse que esta planta se chama Aguaxima e cresce no Brasil?

Não dizia mais nada, apenas que se chama Aguaxima e cresce no Brasil.

De que servia esta afirmação?

Para quem conhece a planta, de muito pouco, seria o mesmo que vos mostrar uma maçã e afirmar que se trata de uma maçã que cresce em Portugal.

O que nos importa que no Brasil haja uma planta chamada Aguaxima se dela apenas ficamos a saber o nome? Sabemos alguma coisa por lhe saber o nome ou continuamos sem saber nada? O que há num nome?

E se eu menciono aqui a Aguaxima – mais, se eu menciono a Aguaxima entre outras coisas sem aparente ligação ou argumento – é porque acredito que pode ser mais apaziguante nada de especial saber acerca da Aguaxima do que não saber sequer que ela existe.